

## A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DE CIDADE MODERNA A LUZ DA MÍDIA IMPRESSA CAMPINENSE

Mestrando José Valmi Oliveira Torres\*

Dra. Rosilene Dias Montenegro\*

A pesquisa se deu no jornal Diário da Borborema por ser este o único jornal da cidade de Campina Grande que, desde 1957, se encontra em circulação ininterrupta. No período em que a Escola Politécnica<sup>1</sup> de Campina Grande foi criada existiam vários jornais, dentre eles: Evolução (1958); Gazeta Campinense (1960); o periódico Revolução Democrática (1960); e, ainda, Tribuna de Campina (1966). Mas estes jornais não eram diários e devido a vários problemas, dentre eles financeiros, tiveram pouco tempo de existência. Os arquivos destes jornais se encontravam no Museu Histórico de Campina Grande, mas, por falta de cuidado, boa parte do acervo deste jornal foi perdida. Esses são apenas alguns pontos que nos possibilitaram a escolher o Diário da Borborema como nosso elemento de pesquisa.

Esse jornal teve seu número inaugural lançado em 2 de outubro de 1957, sendo um empreendimento do próprio Assis Chateaubriand, fundador da rede de jornais Diários Associados. A primeira publicação contou com sete cadernos com 56 páginas. Teve colaboradores como: Raymundo Asfora, Nilo Tavares, Stênio Lopes, Epitácio Soares, Osmário Lopes e Orlando Tejo. Além de notícias local e regional, o Diário publicava também notícias nacionais e até mesmo internacionais, além de artigos e crônicas de escritores como Austregéslio de Athyde, Ademar Vidal e do próprio Assis Chateaubriand, entre outros.

Segundo Araújo (1985:304):

Relativamente combativo, apesar dos condicionamentos políticos, econômicos e ideológicos de que sempre se defendeu o Diário da Borborema decorrentes de sua própria posição, não ficava sem cobertura um episódio de ordem político-social que viesse a ocorrer.

---

\* Mestrando em História do PPGH- UFCG

\* Professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG

<sup>1</sup> Fundada pela lei Estadual nº 792, de 06 de outubro de 1952, sancionada pelo governador José Américo de Almeida, a Escola Politécnica se vinculou à Universidade Federal da Paraíba, instituída pela lei nº 3.835, de dezembro de 1960, que transformou a Universidade da Paraíba em instituição federal de ensino superior. A Escola Politécnica tem seu nome alterado quando de sua transformação em Centro de Ciências e Tecnologia, em 1973, com a reforma cêntrica. O processo de federalização da Universidade da Paraíba também incluiu a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE), de Campina Grande, que originou o Centro de Humanidades, que originou a Universidade Federal de Campina Grande em 2002.

Desde o primeiro momento de sua criação questões relacionadas ao desenvolvimento técnico científico de Campina Grande tiveram espaço nos cadernos desse jornal. E são algumas dessas notícias que iremos analisar. O período que iremos abordar será de 1957, ano de fundação desse periódico, a 1963, ano da criação do curso de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica de Campina Grande.

### **Politécnica: um caminho para o desenvolvimento regional**

Devido ao grande número de notícias, mais de mil, resolvemos trabalhar com uma amostragem de sete notícias que foram publicadas no período por nós acima delimitado. Fizemos uma seleção criteriosa para que as notícias escolhidas tivessem o maior número de informações que precisamos para a discussão que será aqui tratada. Essas notícias não serão apresentadas de forma cronológica, mas de acordo com os assuntos que tenham em comum.

#### **Curso de Problemas do Nordeste na Escola Politécnica da Paraíba.**

Interesse da imprensa de outros Estados pelo assunto – Antecipou a nossa Escola a outros estabelecimentos congêneres.

A repercussão alcançada em toda a região nordestina em torno dos propósitos da Direção da Escola Politécnica da Paraíba, da criação do “curso problemas do Nordeste”, naquele estabelecimento de ensino superior indica esse estado febricitante do progresso e desenvolvimento que vem tomando conta de todas as forças vivas de Campina Grande.

A imprensa de outros Estados já vem se preocupando com a iniciativa de nossa Escola Politécnica, registrando-se, inclusive, em longos artigos que Campina Grande tem sido a pioneira da solução de vários problemas nordestinos, entre os quais se destaca, agora a idéia da criação de um curso considerado que está sendo por técnicos de alta valia e grande importância, especialmente para os engenheiros que terão de futuramente empregar os seus conhecimentos no Nordeste.

Por outro lado, a nossa Escola Politécnica antecipou e a diversos outros estabelecimentos do seu Gênero, sediado em capitais de outros Estados, dando, assim um exemplo de capacidade dos homens estudiosos de Campina Grande, nas lutas que travam pela melhoria dos nossos padrões técnicos, pelo aprimoramento dos nossos estudos e pela pronta equação de problemas que não versão apenas beneficiar a nossa terra, pois terá influência em todas as camadas nordestinas relacionadas com o estudo da engenharia.

Entendemos, nesta primeira notícia, que o jornal já mostrava a que a Escola Politécnica se propunha, a encontrar soluções que pudessem romper com o atraso econômico, tecnológico e social em que estava inserida a região Nordeste na década de cinquenta. Ela representava um marco desses tempos de busca de se criar bases materiais que viessem dar viabilidade ao tão almejado progresso. A POLI seria então a instituição que iria auxiliar a cidade em seu processo de industrialização.

Segundo a notícia publicada em (11/01/1958) no Diário da Borborema, o progresso estava atrelado a Poli e vice-versa. Daí o motivo da existência de cursos como o que foi mencionado. É interessante observar que além de mostrar o desenvolvimento que a Escola estava proporcionando não só ao Estado, mas, também, ao Nordeste, fica implícito na matéria, que tais coisas só estavam sendo possíveis pelos que faziam a Politécnica, isto é, diretor, professores, alunos e estudiosos, politizados, estando estes um passo à frente no enalço do progresso. Isto é, mesmo sendo em uma cidade do interior, estavam mais atentos, mais ligados ao progresso que outras cidades e capitais.

A idéia que o Diário apresenta da Politécnica, como uma instituição de vanguarda, sempre se antecipando ao futuro, à frente em relação as demais, está presente, também, no depoimento concedido ao Projeto Memória – Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002) – pelo ex-diretor do SENAI e ex-professor da Politécnica, senhor Stênio Lopes:

Esse tema, progresso em Campina Grande, era uma coisa muito interessante, se pensava o que se poderia fazer para o futuro desta cidade. E a Politécnica liderava essas discussões sobre progresso, desenvolvimento. A gente debatia de forma exaustiva esse assunto, chegando até imaginar uma projeção do desenvolvimento de Campina Grande para o ano 2000. Alguns professores da Politécnica como Lynaldo Cavalcante, Luis Almeida, José Lopes de Andrade e alguns industriais, muito inquietos, progressista, era impressionante como esse grupo pensava em transformar a cidade em um centro tecnológico de referência.

Podemos observar, ainda, que a imagem trabalhada pelo Diário da Borborema – de uma Politécnica que está contribuindo para a transformação social de uma região – está em consonância com o projeto político do governo JK (1956-1961), particularmente, no que refere à recepção das idéias de modernidade e desenvolvimento.

Na década de 1950 a cidade de Campina Grande, testemunha um significativo desenvolvimento, como Montenegro (2004) nos mostra a seguir:

Em termos quantitativos, o número de habitantes, de indústrias e de lojas de comércio, somando-se a sua importância de pólo comercial do algodão e, nesta década, também o agave fazia dessa cidade um centro de indubitável crescimento econômico. Sua relevância econômica em relação às demais cidade do Estado da Paraíba era tão evidente que se dizia, à época, que a Paraíba tinha duas capitais, uma administrativa e uma financeira. (p.70)

Na notícia reflete-se ainda, o dinamismo econômico vivenciado por Campina Grande nesse período. É o reflexo dessas imagens do progresso posto em mobilização.

Nessa primeira notícia, já podemos observar também o poder da mídia na construção social da realidade, decerto precisa ser estudado com mais afinco. Spink e Medrado (2000) ressaltam que a mídia não somente faz circular conteúdos simbólicos, mas também “possui um poder transformador ainda pouco estudado – e, talvez, ainda subestimado – de reestruturação dos espaços de interação propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentidos” (idem, p. 58). Eles concordam com Fairclough no que diz respeito à construção social da realidade pela linguagem – no caso, pela linguagem da mídia.

A idéia de que os alunos e professores da Politécnicam estavam a um passo do progresso, também está presente na próxima notícia que segue e que foi publicada em 08/07/1959:

#### **Diretor da RFN solicita engenheiros à Escola Politécnicam**

Num entendimento pessoal com o dr. Antônio da Silva Morais, diretor da Escola Politécnicam da Paraíba, o engenheiro Lauriston Pessoa, diretor da Rede Ferroviária do Nordeste invocando a velha camaradagem dos tempos de estudantes na Escola de Engenharia de Recife, solicitou que lhe fosse arranjado pelo menos três dos novos engenheiros diplomados pela EPUP, afim de serem admitidos nos serviços daquela ferrovia.

O professor Antônio Morais não pode atender ao seu apelo do seu colega, alegando que já estarem colocados todos engenheiros da segunda turma da Politécnicam.

O fato não deixa de ser alvissareiro, demonstrando por si mesmo a valorização dos estudos técnicos atualmente entre nós.

De imediato essa notícia não teria nenhuma relevância, mas por traz deste discurso, o jornal passa ao leitor, mesmo que de forma subjetiva, a idéia de que os

Alunos formados na Escola Politécnica têm uma capacitação e formação profissional tão boas, de tão significativa qualidade que despertavam o interesse imediato de outras instituições para contratá-los, ou ainda, que a formação dos engenheiros civis da Escola Politécnica garante ao engenheiro egresso dessa instituição uma colocação imediata no mercado de trabalho.

Imediatamente nos voltamos para o cenário político e econômico nacional do final da década de 50 quando o desenvolvimentismo de JK, que por sua vez pode ser definido como modelo voltado centralmente para a realização de crescimento econômico acelerado, em ritmo superior aos padrões históricos tradicionais, com o objetivo de diminuir distância de nível de industrialização e renda em relação aos países considerados subdesenvolvidos.

E para acelerar esse ritmo de desenvolvimento era preciso o Estado investir em setores importantes da economia.

O Estado deveria desempenhar a função de principal agente indutor do processo, quer sinalizando os rumos da economia e direcionando os investimentos, quer investidos diretamente em setores fundamentais como infra-estrutura e indústria básica”(Brum,1999, p. 232).

Como podemos perceber, o tema que centralizava as atenções era o desenvolvimento do país via industrialização, e para que isso acontecesse era preciso ter um saber técnico para realizar as obras de infra-estrutura que o Brasil necessitava, tais como: pontes, rodagens, barragens prédios, etc.

É importante perceber que, a Escola Politécnica já nesse momento, estava contribuindo para o desenvolvimento nacional, com uma formação diferenciada de bons engenheiros. Observa-se ainda nessa notícia, uma Escola que se diferenciava das demais, pela sua qualidade de ensino, e que as pessoas que eram formadas na POLI tinham emprego certo está nitidamente em consonância com a fala de alguns professores e funcionários dessa instituição. Como podemos ver na fala de ex-funcionário da Escola, José Nogueira<sup>2</sup>:

Os estudantes da POLI vinham de todos os Estados do Nordeste, muitos eram descendentes de famílias pobres, mas imbuídos da vontade de crescer, de modo que em alguns anos a Escola foi crescendo e sendo reconhecida nacional e internacionalmente, a ponto da demanda ser maior que a oferta, quer dizer,

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao Projeto Memória – Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002)

vinha um pedido solicitando vinte engenheiros e a Politécnica só esta formando oito, o aluno recém concluinte já estava com seu emprego certo.

Como podemos perceber, depois de mais de quarenta anos passado da publicação dessa notícia, a imagem da Politécnica como instituição que estava contribuindo para o desenvolvimento da região, ainda permanece viva na memória de ex-professores e ex-funcionários. O que nos faz constatar que a idéia-imagem que o jornal ajudou a construir, de uma Escola desenvolvida também está presente no imaginário dos que dela participaram. Pêcheux (1988, p.57) afirma que “na própria prática do discurso jornalístico, no ‘como se diz’, já se encontra aí embutido o ‘que vai ler’.

Podemos inserir essa afirmação na construção discursiva do seu leitor. Discursiva porque estamos trabalhando com a materialidade da língua cuja ordem simbólica, afetada pelo interdiscurso, produz sentidos.

A próxima notícia, também corrobora com o discurso das outras duas que foram analisadas, mesmo tendo sido publicada quase um ano depois.

### **Seguem hoje sobre a presidência do professor Vinícius Londres da Nóbrega**

Uma embaixada de universitários do 3º ano de engenharia civil da Escola Politécnica desta cidade seguirá hoje com destino a Natal, no Rio Grande do Norte, presidida pelo professor Vinícius Londres da Nóbrega, catedrático de Hidráulica Teórica e Aplicada.

A finalidade da excursão é dar prosseguimento as aulas práticas adotadas recentemente pela diretoria da Escola Politécnica visando a mais complexa formação profissional dos futuros engenheiros diplomados em Campina Grande.

“Aula certa no lugar exato”

Os universitários campinense viajarão às 13 horas de hoje, devendo receberem aulas da Cadeira de Hidráulica diretamente nas obras do porto de Natal, de acordo com o “slogan” já em vigor entre os professores da Escola Politécnica da “aula certa no lugar exato”.

Assim, a Politécnica se diferenciava pela sua inovação. Esta vanguarda implicava na constituição de um ensino superior, com referência e um dos melhores do país.

O jornal passa a imagem de uma Escola que tinha como diferencial a vanguarda, essa busca constante de não ser uma Escola comum, ter sempre algo a mais que diferencie de outras escolas de engenharia da região. Mais uma vez recorreremos ao depoimento – concedido ao Projeto Memória – do ex-professor da Politécnica, Stênio Lopes, para validar nossa informação:

O professor Lynaldo Cavalcante, diretor da Escola Politécnica, sempre viajando em busca de encontrar novidades no ensino de engenharia em outras na região: Sul e Sudeste, tendo em vista que essas regiões se encontravam nas regiões mais desenvolvidas do país, Verificou que na Escola de Engenharia de São Carlo, São Paulo, haviam duas disciplinas novas, estranhas no currículo de qualquer outra Escola de Engenharia; uma era redação técnica para engenheiros, e a outra era relação humana para estudantes de engenharia. Ele tratou logo de criar essas duas cadeiras aqui na Politécnica (...).

Como podemos perceber, a fala de Stênio Lopes reforça a imagem de vanguarda no ensino de engenharia presente nesta notícia bem como que a Politécnica era uma instituição de referência, e que estava contribuindo para o desenvolvimento técnico científico de Campina Grande.

Na década de 1950, como nos mostra Lopes (s/d:15-16) quando o progresso industrial assume maior importância no desenvolvimento econômico do país se altera o quadro organizacional do espaço regionalizado por Campina Grande. Isto porque se implanta uma nova política econômica em favor do Centro-Sul, passando o Nordeste a se integrar na nova divisão inter-regional do trabalho.

Devemos lembrar que os textos da mídia se apresentam como fonte privilegiada da percepção dos eventos do dia, com toda sua agitação e dispersão características. Como o jornal é, muitas vezes, confeccionado em poucas horas, falta ao jornalista a distância necessária para poder estabelecer relações de causa e consequência. Essa aproximação não impede, entretanto, interpretações sobre os acontecimentos que noticiam.

Singer (apud Gregolin, 2003, p.115) afirma que todo relato precisa de um fio condutor, cuja escolha implica uma visão interpretativa dos eventos que encadeia; essa visão é construída diariamente, em meio à agitação e a dispersão dos eventos do dia.

O objetivo da prática midiática é também o presente, transmutado em acontecimento jornalístico, temos o pioneirismo dos professores da Escola Politécnica como exemplo. A mídia não apenas transforma o presente em acontecimento jornalístico, como também lhe confere um estatuto histórico. Assim a sociedade assiste a história do tempo presente sendo construída, no interior dos aparelhos da comunicação de massa sob a forma do acontecimento. O lugar, por excelência, de produção do acontecimento não é mais o discurso da história, mas o da mídia. 1

### **Federalização das Escolas Superiores**

Não teve a divulgação que merecia a federalização de várias Escolas Superiores da Paraíba, o que foi efetivada por ocasião do Encontro do presidente Jânio Quadros com os governadores da Paraíba, Pernambuco e Fernando de Noronha.

Não divulgaram ainda os jornais quais as Escolas que passaram para o Ministério da Educação e Cultura e quais os professores nomeados pelo presidente.

Nossa esperança é a de que o Presidente da República tenha como em outras manifestações de sua capacidade de ver bem as coisas feitas as melhores escolhas, dentro das possibilidades locais.

Seria lástima que nossas Escolas, agora federalizadas, não viessem a contar com as melhores condições para seu funcionamento.

Quanto mais progredir o Estado, maior necessidade teremos de técnicos e profissionais competentes em todos os setores. E só bons professores em estabelecimentos de ensino dotados de todos os requisitos materiais e didáticos, poderão proporcionar ao Estado e ao país essa formação de uma elite que terá cada vez mais firme responsabilidade na condução de nossos destinos.

Essa notícia, publicada em 03/01/1962, faz referência a Federalização da Escola Politécnica, ocorrida no apagar das luzes do governo Juscelino Kubitschek, que teve o deputado paraibano, líder desse governo no Congresso Federal, Abelardo Jurema, como um dos seus principais responsáveis.

Podemos perceber que implicitamente o jornal se mostra temeroso, com o possível corte de verbas federais para esta instituição. Fala também das dificuldades de funcionamento desta



Escola, quando dependia do envio de verbas do Governo Estadual, que não propiciava condições para que a mesma tivesse um bom funcionamento.

A notícia também se refere ao momento em que o Brasil estava se desenvolvendo, investindo no setor de infra-estrutura, na produção de matérias primas básicas como: aço, ferro e também petróleo, petroquímica, fertilizantes, etc., indispensáveis à alavancagem do processo de industrialização.

Nesse período, segundo Brum (1999), o Estado está tentando suprir as deficiências, que emperra o processo de desenvolvimento.

A ocupação de espaços econômicos pelo Estado, sendo um período de forte tendência de estatização, avançou com a criação e grandes empresas: como a Companhia Siderúrgica Nacional, com a usina de Volta Redonda, no Rio de Janeiro; a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), a Petrobrás e a Companhia da Vale do Rio Doce - esta voltada para à exportação de minério de ferro. Estas e outras grandes empresas estatais de grande porte constituíram-se em verdadeiros agentes de desenvolvimento, cumprindo o papel relevante de alcançar o progresso brasileiro. (p.2007)

Ainda podemos perceber, nessa notícia, que o Diário da Borborema enfatiza implicitamente a importância da Escola Politécnica federalizada, pois, só assim, Campina Grande se manteria no caminho do desenvolvimento, ao mesmo tempo em que contribuiria para o Estado se desenvolver, criando mecanismos para a região e para os principais centros econômicos do país.

Por se tratar de um mesmo assunto, resolvi trabalhar as próximas duas matérias juntas, de forma que uma complementa a outra.

### **Novo curso na Politécnica**

O Conselho Universitário da Paraíba criar o curso de engenharia eletricista na Escola Politécnica. Era esta uma velha aspiração dos sonhos daquele estabelecimento e de muitos dos seus professores interessados na formação de técnicos em eletricidade para nossa região.

O Nordeste como se sabe é uma região pobre de técnicos. Temos poucos engenheiros civis. Enquanto as outras especializações da engenharia, o número é tão inexpressivo que não chega a ser computado pelas estatísticas oficiais.

A necessidade de engenheiros eletricista numa região em desenvolvimento como o Nordeste é muito grande, oferecendo-se um vasto campo de ação para os técnicos dessa especialização.

Temos muitos problemas a ser resolver que estão na dependência de engenheiros eletricistas, sobretudo agora que começamos a penetrar os umbrais da era industrial, de que vai depender sem nenhuma sombra de dúvida a nossa integração na economia geral do país.

Dar técnicos ao Nordeste, nesta fase decisiva de sua história, deve ser a tarefa máxima das escolas superiores, principalmente daquelas que como a Politécnica estão situadas em plena faixa seca, onde mais necessário se torna a presença de uma engenharia especializada.

Podemos observa que na primeira notícia de, 02/03/1963, se mostra a necessidade da criação de outras especificidades no campo da engenharia. Mostrando, que era muito pouco os engenheiros civis, tendo em vista que na região já existiam alguns cursos de engenharia, a exemplo de Recife e de Fortaleza; aqui, em Campina Grande, na Escola Politécnica. Enquanto que curso como Engenharia Elétrica praticamente não existia na Região, não tendo nem mesmo dados oficiais.

A notícia também apresenta a situação de desenvolvimento que estava inserida à região Nordeste. E com a criação de um curso como o de Engenharia Elétrica seria de fundamental importância para que essa região entrasse verdadeiramente no processo de industrialização.

### **Criação do curso de Engenharia de Minas**

Campina Grande foi escolhida para sede de importante programa de desenvolvimento econômico regional- Financiamento de 7 milhões de cruzeiros para esta cidade- Mensagem a sr encaminhada para a Assembléia.

Marcha para a sua concretização o estabelecimento do curso de Engenharia de Minas na Escola Politécnica da Universidade da Paraíba, sediada nesta cidade.

A criação do referido curso está relacionada ao desejo do Governo Federal de promover o desenvolvimento econômico do Nordeste brasileiro, acelerando a formação de técnicos especializados para o estudo e exploração das riquezas minerais desta região.

### **Campina Grande Escolhida**

Já existe em Pernambuco iniciado o ano passado, o curso de Geologia anexo à Universidade de Recife, com verbas concedidas pelo Ministério da Educação e Cultura que já totalizam este ano 16 milhões de cruzeiros.

O Governo da Paraíba compreendendo a necessidade de aparelhar a Escola Politécnica desta cidade a fim de se tornar sede de programa idêntico ao de Pernambuco, elaborou importante mensagem a ser dirigida na próxima segunda feira à Assembléia Legislativa, propondo a criação do Curso de Engenharia de Minas em nosso Estado, indo assim, no encontro do desejo do Governo Federal disposto a fomentar, o que somente poderá ser obtido com a formação de pessoal capaz para enfrentar as tarefas necessárias.

Implicitamente a notícia passa a imagem de que os futuros engenheiros elétricos formados na Politécnica não terão problemas relacionados com colocação no mercado de trabalho, deixando transparecer que além da demanda desses técnicos na região, o fato desses futuros formados pertencerem a Escola, garantirá seu ingresso no mercado de trabalho. Subentende-se que por trás notícia se apresenta a imagem de excelência na formação desse corpo técnico especializado. Assunto este que já foi visto em matéria anterior. Como se percebe, há sempre uma necessidade de ficar reafirmando determinadas informações, como se isso não pudesse ser visto pelos leitores ou pelos cidadãos da cidade.

Já a segunda notícia, que fala sobre a criação do curso de Engenharia de Minas, foi publicada em 02/02/1958, ano em que a cidade de Campina Grande foi escolhida para sediar esse

importante programa. Isso demonstra a sintonia da cidade com o governo federal e sua importância no processo de busca do desenvolvimento econômico por parte desse projeto mais amplo, que é do governo federal. Buscando, assim, formar técnicos especializados para exploração das riquezas naturais presente no subsolo da Região.

Essa notícia demonstra ainda, que as autoridades estaduais percebendo a importância da Escola Politécnica diante do processo de industrialização, resolve aparelhá-la com equipamentos, para que possa receber esse programa idêntico ao recebido por Pernambuco. Podemos ainda perceber que somente por meio da formação desses técnicos é que a Paraíba poderia enfrentar as tarefas necessárias para alcançar o desenvolvimento.

Nas duas matérias, o jornal passa mais uma vez a imagem de uma Escola que tinha como missão fornecer técnicos qualificado para ajudar o Nordeste a se desenvolver.

Vamos agora para a análise da última notícia que fala sobre a transferência da Escola Politécnica para o bairro de Bodocongó. Adjacência que, muitas vezes, o Diário da Borborema mostra como o bairro onde estava sendo alojada a parte mais desenvolvida científica e tecnológica da cidade de Campina Grande, pois, no bairro, além da Politécnica, havia a Faculdade de Ciências Econômicas e a Escola Redentorista.

#### **Escola Politécnica: dia 12 sua transferência para nova sede.**

##### **Churrasco**

Consoante informação que colhemos junto ao Diretor da Escola Politécnica, engenheiro Antônio da Silva Moraes, pelo evento será oferecido aos professores e alunos um churrasco, ao qual deverão comparecer também autoridades do ensino.

O novo edifício- sede da Escola Politécnica obedeceu as mais modernas técnicas arquitetônicas, teve os seus trabalhos de construção executado pelo Escritório Técnico constituído por professores e alunos da própria Escola, representando contribuição inestimável ao melhoramento dos padrões de engenharia da região, além da experiência didática nova e digna de louvores.

##### **Pioneirismo**

Para a condução dos professores e alunos da Escola Politécnica, a Universidade da Paraíba acaba de providenciar a aquisição de moderno ônibus, devendo ser adquirido nova unidade logo que a Faculdade de Ciências Econômicas para ali também se transferir.

Assim Campina Grande é mais uma vez pioneira, no interior do Nordeste, tendo sido a primeira cidade do interior desta região a possuir Escolas Superiores dentre as quais uma Escola de Engenharia que é orgulho do ensino superior paraibano.

O novo edifício-sede da Politécnica obedeceria as mais modernas técnicas arquitetônicas e teve seus trabalhos de conclusão executados pelo Escritório Técnico<sup>3</sup>, constituído por professores e alunos da própria Escola. Isso mais uma vez demonstra a imagem de uma Politécnica que estava em sintonia com tudo que era de mais sofisticado para a época, sem falar que foram os próprios professores e alunos dessa instituição que levantaram o edifício. Isso passa a idéia de que esses alunos são capacitados para realizarem qualquer obra no ramo da engenharia civil

O jornal também apresenta nesta matéria, o ideal de que a Politécnica era orgulho da Paraíba, colocando esse estado à frente dos demais estados nordestinos em matéria de ciência e tecnologia. E que Campina era a única cidade do interior nordestino a possuir Escolas Superiores, dentre estas a POLI e sendo também a dar início à construção de uma cidade Universitária.

Assim, podemos perceber ao analisar as notícias, aqui apresentadas, que o Diário da Borborema constrói a imagem de uma Escola Politécnica, que se apresenta de forma vanguardista, sendo uma instituição de destaque na área de engenharia e, como não existe um jornalismo imparcial, podemos dizer que os jornalistas do Diário contribuíram para consolidar a imagem de uma urbe que estava à frente de muitas outras cidades do Nordeste e essa imagem, quer queira ou não, de certa forma ajudou a cidade a se desenvolver com a vinda de empresas que desenvolveram projetos técnico-científicos e que, de certa forma, contribuíram também para que a Politécnica se desenvolvesse.

---

<sup>3</sup> O Escritório Técnico foi criado no momento em que iria começar a construção da primeira fase do prédio da Escola Politécnica, no Bairro de Bodocongó. Na ocasião vários professores dessa Escola se reuniram, dizendo que não era necessário contratar uma firma de fora para fazer esse serviço. Uma vez que os próprios professores de engenharia dessa Escola poderiam fazer muito bem esse serviço. Depois dessa reunião é criado o Escritório Técnico, que teve como seu primeiro dirigente o professor José Marques de Almeida. E o que é mais importante, os professores e alunos no quarto e quinto ano de Engenharia Civil auxiliavam nessa construção. Além de ser um campo de aprendizagem para esses alunos recém formados. Esse Escritório construir o prédio da Escola Politécnica, construiu também a Escola de Economia (FACE) e ainda construiu mais dois grupos escolares e remodelou cerca de seis grupos para o Estado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Fátima: **História e ideologia da imprensa na Paraíba**, Ed. União, João Pessoa, 1985.

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. A Ciranda da Política Campinense. In: *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*: Ed. PMCG, 2000.

ACERVO de depoimentos do Projeto Memória – **Organização e Preservação da Ciência e Tecnologia em Campina Grande (1952-2002)**.

BOMENY, Helena. Utopias de cidades: as capitais do modernismo. In: **O Brasil de JK**, (org) GOMES, Ângela de Castro. Rio de Janeiro: ed. FVG/CPDOC, 1991.

BRUN, Argemiro J. **O desenvolvimentismo econômico brasileiro**. -20ª.Ed:Ijuí, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, Ed.DIFEL.1990.

DIÁRIO da Borborema. 1957-1963.

DURAND, Gilbert, **O imaginário. Ensaio acerca das ciências da filosofia e da imagem**. Tradução: Renée Eve Levié.- Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DO Ó, Edvaldo de Sousa. **História da Universidade Regional do Nordeste**. JÚNIOR Luiz José e CARTAXO, Marcos (org). Governo do Estado da Paraíba.1994.

\_\_\_\_\_. **Politécnica - Primeira Escola Superior de Campina Grande**. Editora Campina Grande LTDA, S/D.

FOUCAULT, Michel. **As regularidades discursivas**. In. *Arqueologia do Saber*. 2ª ed. Tradução Luiz Filipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1986. p. 23-25.

\_\_\_\_\_. **Os Intelectuais e o poder**, A Governamentalidade. In: o \_\_\_\_\_ *Microfísica do poder* (org. Roberto Machado), Rio: Graal, 1979: p.69-78, 277-293.

\_\_\_\_\_. **Isto não é um cachimbo**. 3ª ed. Tradução Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GOMES, Ângela de Castro: **Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas**.- Rio de Janeiro:ed. Da Fundação Getúlio Vargas,1994.

LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões sócio-econômica das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)**. Tese de Doutorado. CH/USP -São Paulo. 2004.

LOPES, Stênio. **Escola Politécnica de Campina Grande**. Uma Experiência de Desenvolvimento Tecnológico do Nordeste. Campina Grande: Editora Tecnal, S/D.

\_\_\_\_\_. Campina. **Luzes e sombra**. Campina Grande: s/editora, 1989.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisada**. 3º Ed.-São Paulo: Contexto,2001.

MONTENEGRO, Rosilene: História política e imaginário de progresso em Campina Grande no anos 50. Saeculum: **Revista de História**. Nº 10, Janeiro/Julho 2004 - João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2004.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do Discurso. In. Trad. Brás. GADET & Hak (org). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas , São Paulo, lel-Unicamp: 1980.

RODRIGUES, Marly. **A Década de 50: Populismo e matas desenvolvimentistas no Brasil** Ed.4º Ática. 2003.

SPINK, Mary Jane, MEDRADO, Benedito. 2000. Produção de sentidos no cotidiano: abordagem teórica-metodológicas para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora.